

O OUTRO LADO DA VIAGEM EM O OUTRO PÉ DA SEREIA, DE MIA COUTO

Carla Maria Correia Campos Francisco Ribeiro (Mestranda, Universidade de Lisboa)

ribeiro.carlaf@gmail.com

RESUMO: O objectivo deste artigo é analisar a temática da viagem na obra de Mia Couto, *O Outro Pé da Sereia*. Nesta obra, as viagens ultrapassam tempo e/ou espaço, acontecendo no interior de cada personagem, num processo de descoberta que levanta a complexa questão da identidade/alteridade.

Palavras-chave: Mia Couto, literatura moçambicana, literatura de viagens, alteridade identidade

A viagem não começa quando se percorrem distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores. A viagem acontece quando acordamos fora do corpo, longe do último lugar onde podemos ter casa.

[...] A viagem termina quando encerramos as nossas fronteiras interiores. Regressamos a nós, não a um lugar.

Mia Couto, *O Outro Pé da Sereia*

A viagem é, desde os primórdios da cultura ocidental, uma temática constante na literatura. Desde obras como *O Périplo de Hanão* ou a própria *Odisseia*, passando por *The Tempest*, ou pelas obras nacionais *Os Lusíadas* e *Peregrinação*, múltiplos são os exemplos de obras literárias que têm na viagem um dos seus temas principais. Nas suas diversas facetas podemos encontrar viagens no tempo ou no espaço, mas em todas elas encontramos a descoberta de si mesmo através do outro. A alteridade e a identidade

surgem, de uma forma ou de outra, como elementos indissociáveis em toda a obra literária que trate a viagem.

Em *O Outro Pé da Sereia* de Mia Couto, a temática da viagem configura-se a vários níveis – desde a viagem no espaço à viagem no tempo, múltiplas são as personagens que se encontram em trânsito. Mas o trânsito, em todas elas, é mais do que uma mera deslocação espacial ou temporal. A viagem interior encontra-se presente em todas, independentemente do objectivo que as move.

Assim, e se nos detivermos apenas no aspecto exterior da viagem podemos afirmar que os principais percursos no espaço serão o de Gonçalo da Silveira, no século XVI, em trânsito de Goa para as terras do Monomotapa; e, já no século XXI, as de Mwadia, de Antigamente para Vila Longe, e do casal de americanos, da América para África.

O simples facto de a viagem no espaço decorrer em duas épocas diferentes remete-nos para a viagem no tempo, uma viagem que se concretizará de facto a partir do momento em que os manuscritos do século XVI são lidos e ressuscitados por Mwadia em pleno século XXI. O passado é transportado para o presente, eliminando as fronteiras (fisicamente existentes no livro através das indicações temporais e da mudança de cor das próprias páginas, distinguindo épocas, no início de cada capítulo) e estabelecendo uma unidade, uma inseparabilidade dos elementos que, só na sua conjugação, podem ser entendidos como um todo.

Mwadia é, de facto, e como o seu nome indica¹ a responsável pela união entre os vários níveis temporais e espaciais. O seu percurso, de Antigamente para Vila Longe, e tendo em conta os topónimos em questão, é um percurso que envolve o trânsito entre o tempo e o espaço.

Mas, e como já foi dito, a viagem, nesta obra de Mia Couto, ultrapassa os limites temporais e espaciais. A descoberta do outro e, através desta, a descoberta de si mesmo, encontram-se permanentemente em questão. Sendo assim, debruçar-nos-emos sobre o percurso individual de três personagens: Gonçalo da Silveira, Benjamin Southman e Mwadia Malunga. Todas as outras personagens têm percursos que poderiam ser abordados no âmbito desta análise, contudo, e dada a relevância das personagens em questão, optámos por trabalhar apenas estas.

1. Gonçalo da Silveira

D. Gonçalo da Silveira, o provincial dos jesuítas na Índia Portuguesa, surge pela primeira vez no capítulo três de *O Outro Pé da Sereia*. A sua viagem inicia-se aí, uma viagem que, no momento, se apresenta apenas como um percurso espacial: “A nau Nossa Senhora da Ajuda acaba de sair do porto de Goa, rumo a Moçambique. Cinco semanas depois, em Fevereiro de 1560, chegará à costa africana”. (COUTO, 2006, p. 61)

A forma como a personagem é pela primeira vez nomeada não deixa de ser curiosa: “[...] a nau conduz D. Gonçalo da Silveira, o provincial dos jesuítas na Índia Portuguesa”. (COUTO, 2006, p. 61)

De facto, D. Gonçalo da Silveira não é o sujeito do verbo *conduzir*, mas sim o seu complemento de objecto directo. De salientar também a utilização deste verbo e não do verbo *viajar* como para os restantes: “Nos barcos viajam marinheiros, funcionários do reino, deportados, escravos.” (COUTO, 2006, p. 61)

D. Gonçalo não viaja, não se conduz a um destino, pelo contrário, ele é conduzido por um objectivo que envolve um conjunto de ideias pré-concebidas sobre o que irá encontrar no continente africano:

O propósito da viagem é realizar a primeira incursão católica na corte do Império do Monomotapa. Gonçalo da Silveira prometeu a Lisboa que baptizaria esse imperador negro cujos domínios se estendiam até ao Reino de Prestes João. Por fim, África inteira emergiria das trevas e os africanos caminhariam iluminados pela luz cristã. (COUTO, 2006, p. 61)

O continente africano é, para Silveira, um local de trevas, o local de todos os males e pecados.

Um vazio pesou sobre o estômago do sacerdote português. Quando saíra de Goa, ainda na protecção do estuário, a viagem surgia como um caminho dócil. Mas quando o mar se desdobrou em oceano e o horizonte todo se liquefez, lhe veio uma espécie de tontura, a certeza de que o chão lhe fugira e a nau vogava sobre um abismo. Silveira não tinha dúvida: chegara ao irreversível momento em que a água perde o pé e o mar abandona o suave manear dos rios. Dali em diante, o mundo se resumiria àquela nau, rompendo caminho entre domínios que eram mais do Diabo que de Deus. (COUTO, 2006, p. 65)

A personagem surge, com efeito, como monolítica nas suas crenças perante o outro, o africano, que deve ser resgatado das trevas e do pecado em que vive. São estas crenças que o conduzem na viagem física, a viagem por mar entre Goa e Moçambique e a viagem por terra até ao reino do Monomotapa.

Gonçalo da Silveira não conhece o outro, tem uma ideia feita sobre o outro e, é a partir desta ideia, que age e que se deixa conduzir. A ideia sobre o outro não é aliás, exclusiva da personagem, formando toda uma ideologia dominante:

[...] Chamavam de Torna-Viagem a este percurso da Índia para Portugal. E chamavam de Contra-Costa ao oriente de África. Tudo fora nomeado como se o mundo fosse uma lua: de um só lado visível, de uma só face reconhecível. E os habitantes do mundo oculto nem o original nome de “gentios” mantinham. Designavam-se, agora, de “cafres”. A palavra fora roubada aos árabes. Era assim

que estes chamavam aos africanos. Os cafres eram os infiéis. Não porque tivessem outra fé. Mas porque se acreditava não terem nenhuma. (COUTO, 2006, p. 72)

Na carta que Nimi Nsundi escreve a Dia Kumari, temos a reacção do outro face à perspectiva europeia, a perspectiva de Gonçalo da Silveira:

[...] Os portugueses dizem que não temos alma. Temos, eles é que não vêem. O coração dos portugueses está cego. A nossa luz, a luz dos negros, é, para eles, um lugar escuro. Por isso, eles têm medo. Têm medo que a nossa alma seja um vento, e que espalhem cores da terra e cheiros do pecado. É essa a razão porque D. Gonçalo da Silveira quer embranquecer a minha alma. Não é a nossa raça que os atrapalha: é a cor da nossa alma que eles não conseguem enxergar. (COUTO, 2006, p. 131)

Mas as crenças enraizadas de Gonçalo da Silveira (fortalecidas por uma vocação genuína para a vida religiosa: “[...] Silveira era filho de nobres, tinha prescindido de riqueza e prestígio, tinha contrariado família e amigos para seguir a vocação interior.”, COUTO, 2006, p. 189) vão sendo abaladas ao longo da viagem. No seu contacto com o outro, ainda durante a travessia marítima, a personagem é confrontada com o outro lado da verdade que sempre teve como única.

O primeiro exemplo surge com os escravos que morrem envenenados:

Quando, por fim, o médico compareceu perante os negros moribundos ele prontamente concluiu:

- Os desgraçados se envenenaram.
- Rituais pagãos? Perguntou Silveira.
- Há quem lhes chame assim. Eu chamo simplesmente fome.

Que uns ali sucumbiam por não comer e os outros morriam do que comiam. Na noite anterior, alguns escravos tinham assaltado a cabina do piloto e roubado mapas.

- Roubaram mapas. E para quê?

Fernandes apontou para a barriga. Os escravos tinham comido os mapas. Amoleceram as cartas em água e devoraram-nas: O que eles não sabiam era que as tintas eram venenosas. O médico ironizou, em provocação:

- Se ainda tivessem comido a Europa... Mas os tipos foram logo comer África. Esse é o continente mais venenoso. (COUTO, 2006, p. 182)

Perante a situação, Gonçalo da Silveira responde com a única hipótese que as suas crenças permitem: os rituais pagãos. Contudo, há um outro lado da realidade que lhe é revelado.

O Padre Manuel Antunes constitui um elemento destabilizador nas firmes crenças de Gonçalo da Silveira. As suas dúvidas começam a abalar esta firmeza.

- Você, caro Manuel, põe na sua ideia a relevância da nossa missão no Monomotapa?
- É exactamente isso que eu me pergunto, D. Gonçalo: tem sentido tudo isto, D. Gonçalo?
- Que pergunta é essa?
- Tem sentido irmos evangelizar um império de que não conhecemos absolutamente nada?
- Você está cansado e o cansaço é inimigo do bem pensar.
- Pois eu nunca estive mais lúcido. Já pensou bem? Estamos descobrindo terras que nunca conheceremos, estamos mandando em gente que nunca governaremos.
- Cale-se, peço-lhe que não blasfeme.
- Como iremos governar de modo cristão continentes inteiros se nem neste pequeno barco mandam as regras de Cristo? (COUTO, 2006, p. 186)

A falta de linearidade das situações com que se confronta, aumentam o mau estar da personagem. Podemos verificá-lo, por exemplo, quando Nimi Nzundi mutila a santa:

- Não entendo, confessou Silveira.
- O jesuíta bebericava água de seu púcaro e, abatido, ruminava as mais profundas dúvidas. Afinal, o mesmo cafre que salvara a Santa, esse, que, todos os dias, se ajoelhava perante o relicário, esse homem surgia agora desfigurando a imagem de Nossa Senhora? Aquele negro que falava melhor português que muitos dos marinheiros, que vestia de modo mais cuidado que qualquer dos grumetes, mais devoto que muitos dos portugueses, cometia um acto de tal barbaridade? Aquela ambivalência não cabia na razão do missionário. (COUTO, 2006, p. 232)

O próprio capitão do navio, apesar de branco, começa a revestir-se dos pecados e defeitos que ele, na sua crença firme, inicialmente apenas atribuía aos negros:

D. Gonçalo fitou de alto a baixo o capitão e uma nuvem escura lhe toldou o olhar. Aquele branco mal trajado, de pele mais tismada que um mouro, de modos mais grosseiros que um cafre, e de lingüarejar mais tosco que Nsundi, aquele homem não merecia a cruz de Cristo que refulgia, gravada no seu imundo colete. E lhe pareceu que toda a nau se transfigurava num continente negro, naufragando num turbilhão de pecados. (COUTO, 2006, p. 233)

O branco e o negro começam a interpenetrar-se, surgindo um lugar intermédio em que Deus e o Diabo se fundem sem fronteiras definidas.

Quando o padre Manuel disse que o diabo viajava no porão da nau Nossa Senhora da Ajuda, o missionário Silveira não compreendera. Perturbava-o esse contra-senso: um navio com nome santo encerrar no seu ventre tal carga demoníaca. Contudo, agora que descia ao porão, as palavras de Manuel Antunes ganhavam sentido: Não era apenas o diabo, era o inferno que viajava dentro da nau. (COUTO, 2006, p. 234)

Já em terra, e perante as afirmações sobre os guerreiros do Monomotapa, afirmações também sem base concreta, feitas a partir de uma ideia construída (ver as formas verbais utilizadas: *dizia-se*, *diziam*), Gonçalo da Silveira não reage, pois estas vão ao encontro da sua crença².

Os guerreiros do Monomotapa tinham combatido, na Ilha, contra os holandeses. Os depoimentos eram aterradores e o missionário nem sequer ergueu a cabeça enquanto durou a evocação do sucedido. Esses etíopes, *dizia-se*, bebiam o sangue dos holandeses mortos. A uns até cortavam os pescoços e lhes sorviam o sangue quente directamente da jugular.

E diziam mais: que eles, lá nas suas terras do interior, ainda praticavam maiores crueldades. (...) (COUTO, 2006, p. 295)

Contudo, se a viagem por mar o colocaria no limiar da dúvida, o percurso em terra coloca-o definitivamente num terreno em que o ser branco ou negro não estabelece as fronteiras que a sua mente impusera. Deus e o diabo não demarcam as suas fronteiras, bem e mal coexistem.

A estadia na ilha não fora benéfica para D. Gonçalo. Vezes sem conta ele se tinha confrontado com as autoridades portuguesas e as acusara de serem cúmplices da

devassidão moral que reinava naquelas paragens. Toda a sua vida imaginara que os demónios moravam no outro lado do mundo: em outra raça, em outra geografia. Durante anos ele se preparara para levar a palavra redentora a essa gente tão diversa. Nos últimos dias Silveira confirmara que o Diabo fazia ninho entre os seus, os da sua origem, raça e condição. [...]

Aos poucos, o missionário se converteu num homem amargo e exaltado, seu coração indo de extremo à extremidade. [...] (COUTO, 2006, p. 297)

Gonçalo da Silveira, no confronto com o outro, o africano, descobre que as características deste (impostas pela sua crença), fazem afinal parte de si mesmo, do europeu branco, cristão, civilizado. São, pois, a amargura e o desânimo os seus principais sentimentos.

Quando chegara à corte do Monomotapa, Gonçalo da Silveira tinha empreendido uma viravolta profunda nas suas propriedades espirituais. O maior inimigo já não eram os gentios. Nem eram os mouros. A mais grave ameaça resultava da conduta indecorosa dos portugueses em terras tropicais. Aqueles que deviam ser a prova viva da superioridade moral dos cristãos, acabavam deslumbrando a tão árdua obra missionária. Razão tinha Manuel Antunes que avisara, logo no início, que o Diabo viajava no porão das naus.

[...] Durante anos, D. Gonçalo anteviu o longo desfile de monstros que iria encontrar em África. Havia um imenso catálogo de criaturas diabólicas. [...] Nenhum desses seres prodigiosos ele encontrara em meses de andanças pelos sertões africanos. As mais maléficas criaturas com quem cruzava eram-lhe, afinal, bem familiares e tinham, como ele, embarcado nas naus portuguesas. (COUTO, 2006, p. 358)

Assim, não será surpreendente o facto de Gonçalo da Silveira se sentir preparado para a morte: “Em verdade vos digo que mais aparelhado estou para receber a morte, do que meus inimigos estão para ma dar.” (COUTO, 2006, p. 351). No encontro com o outro, a personagem descobre o que há de pior nas suas raízes, nas suas crenças, descobre algo pelo qual não vale a pena lutar ou viver. A sua morte, mais do que uma anulação é a forte afirmação de uma identidade única que não se identifica com aqueles que com ele partilham a cor da pele, a cultura, as origens.

2. Benjamin Southman

A viagem empreendida por Benjamin Southman ao nível do espaço, da América para a África, inclui desde o seu início uma motivação que engloba a viagem interior. É, de facto, a descoberta das suas origens, do seu passado, o que motiva a viagem de Southman a África.

Aquela viagem era a realização de um sonho maior. África, para ele, não era um lugar. Mas um ventre. O seu primeiro e derradeiro lugar. Mãe e terra. Sangue e pó. Uns baptizam-se na água. Benjamin baptizava-se nesta viagem, pronto a renascer, mais puro, mais vivo. (COUTO, 2006, p. 171)

Na página 151 encontramos o motivo oficial da visita do casal americano: “- Quem nos vem visitar é um casal de historiadores, cientistas, andam a estudar o passado”. (COUTO, 2006, p. 151) Contudo, esse propósito de reencontro com o passado vem, desde o início, imerso em ideias pré-concebidas. O passado africano, os próprios africanos, já estão construídos na mente do historiador e são esse passado e esses africanos por si idealizados que ele pretende encontrar, numa forma de se encontrar a si mesmo, de encontrar a sua identidade numa história por si mesmo construída.

O primeiro contraste quanto à alteridade por si idealizada surge relativamente à ideia de vagar atribuída à vida africana.

[...] O americano pensou: o mundo está apartado por vias curiosas. De um lado, do lado de onde ele vinha, morava a velocidade. Do outro lado, do lado do seu destino, era o lugar dos vagues.

[...] Benjamin sorriu: ainda há pouco, do alto do avião, ele antecipava estar visitando o lugar do sossego e dos vagues. Enganara-se. Não era senão o primeiro de uma longa série de equívocos. (COUTO, 2006, p. 161, 164)

O passado oficial que Southman contava encontrar, em que o branco escraviza o negro, vítima de ambição desmedida, também se revela outro:

- Queríamos que nos dissessem tudo sobre a escravatura, desses tempos de sofrimento...

- Ah, sim, sofremos muito com esses vangunis, disse Matambira.

Os olhos do americano brilharam enquanto procurava uma caneta para anotar no seu caderno de pesquisa.

- Como lhes chamou, vagumis?

- Vanguni, rectificou o pugilista.

- Deixe-me anotar. Portanto era esse o nome que davam aos traficantes de escravos?

- Exacto.

- E diga-me: há lembrança do nome dos barcos que eles usavam?

- Barcos? Eles não vinham de barco, vinham a pé.

- Como a pé? Como é que transportavam a carga humana lá para a terra delas?

- A terra deles era aqui, eles nunca saíram daqui. Nós somos filhos deles.

[...]

- Diga-me, meu amigo, você está a falar dos portugueses?

- Portugueses? Naquele tempo, nós éramos todos portugueses...

- Está a falar dos brancos?

- Estou a falar de pretos. Desculpe, de negros.

- Mas fale desses negros, desse vangunis...

- Esses negros vieram do Sul e nos escravizaram, nos capturaram e venderam e mataram. Os portugueses, numa certa altura, até nos ajudaram a lutar contra eles.

(COUTO, 2006, p. 173)

Brancos e negros desempenham papéis diferentes daqueles que a ideologia dominante lhes atribuíra. A alteridade revela-se outra, a identidade que se procura começa a ser colocada em questão.

Arcanjo Mistura será uma das personagens que instalará a dúvida sobre as ideias construídas pelo americano em relação a África e aos africanos.

- O que me faz sentir pena não é o que você procura em África, mas o que perdeu lá de onde vem.

- O que é que perdi?

- Voltem para a América, lá é que é a vossa casa. E vocês têm que lutar não é para serem africanos. Têm que lutar para serem americanos. Não afro-americanos. Americanos por inteiro. (COUTO, 2006, p. 220)

O barbeiro aborda, de facto, uma questão essencial na viagem de Southman, uma viagem que, mais do que um reencontro com o continente das origens primordiais, é uma viagem de descoberta de si mesmo. Negro americano, Southman encontra-se entre duas identidades, duas culturas, não se sentindo completo, inteiro. Ao não se sentir americano, o historiador busca a unidade identitária nas suas raízes africanas. Mas esta busca de identidade na alteridade torna-se falaciosa a partir do momento em que a alteridade idealizada se revela outra.

O confronto com a sua verdadeira identidade, a de um mulato, preso entre dois continentes, entre duas culturas, duas raças, é recusado por Southman que visa apenas a unidade identitária, a identidade por si idealizada.

- O senhor, Benjamin Southman, é um mulato.

- Mulato, eu?

O ar ofendido de Benjamin suscitou a intervenção de Casuarino. [...] (COUTO, 2006, p. 311)

As revelações de Mwadia de que as suas raízes não estariam na alteridade africana, mas sim na junção desta com outra por ele menosprezada, a indiana, vêm aumentar o seu desagrado.

- Pois diga-me Mwadia, esse homem africano que saiu para a América...

- Não era nem homem nem africano, cortou a possuída.

- Como assim?

- Era mulher e indiana.

Era como se tivesse anunciado o fim do mundo. [...]

Benjamin Southman ficou uns segundos tentando absorver a catadupa de novidades que acabara de receber. Depois ergueu-se resolutamente e retirou-se do quarto. (COUTO, 2006, p. 312, 313)

Na sua ânsia de se afirmar como verdadeiro africano, Benjamin Southman rejeita a ideia de ser descendente de uma indiana, tal como rejeita o depoimento do goês Jesustino Rodrigues:

Ao chegar a Vila Longe, o goês Jesustino Rodrigues ruminava mágoas. No regresso do nyanga ele tinha-se aproximado do americano, oferecido o seu depoimento, mas Benjamin Southman não se mostrara interessado.

- Eu quero testemunhos de africanos.
- E eu sou o quê?
- Preciso de depoimentos de africanos autênticos.
- Eu sou autêntico. (COUTO, 2006, p. 322)

O nome, elemento que confere uma determinada identidade, será a última tentativa de Southman se assumir como africano “autêntico”.

- Você sofre como uma dessas crianças pequenas. É por causa do seu nome.
- Que mal tem o meu nome?
- Esse nome não lhe assenta bem... Isso lhe traz dores para a alma. Você é um akayendi.
- Sou quem?
- Você é uma pessoa sem tribo própria e que espera adoptar um nome.
- Eu quero um nome, não me pode dar um nome? (COUTO, 2006, p. 318-319)

O seu desaparecimento, a sua anulação final, mais não são do que uma conclusão lógica para alguém que não consegue assumir uma identidade mestiça, alguém que não se consegue encontrar no local intermédio que é, de facto, o seu, unindo culturas, unindo raízes, e que tenta desesperadamente uma unidade idealizada, impossível, pois inexistente.

A viagem física mostrar-lhe-á que os africanos autênticos já não são aqueles que o discurso dominante apresenta (se alguma vez o foram), a viagem interior comprovará que não conseguirá encontrar a identidade numa alteridade que não existe.

3. Mwadia Malunga

A viagem de Mwadia Malunga será, talvez, a mais complexa de todas aquelas que se entrelaçam em *O Outro Pé da Sereia*. Como já vimos, o próprio percurso físico, de Antigamente para Vila Longe, é um percurso que cruza tempo e espaço, um cruzamento que se definirá também nos transes de Mwadia ao transportar o passado para o presente, a viagem de Gonçalo da Silveira para o âmbito da sua própria viagem e da viagem de Southman.

Mwadia é, com efeito, a canoa, o meio de transporte, que o seu nome indica:

[...] Mwadia, essa que tinha corpo de rio e nome de canoa.

[...] o seu nome, Mwadia, queria dizer “canoa” em si-nhungwé. Homenagem aos barquinhos que povoam os rios e os sonhos. (COUTO, 2006, p. 22, 25)

O percurso da personagem inicia-se com a descoberta da imagem da Virgem Maria nas margens de um rio. Acreditando que o seu lugar só poderia ser numa igreja, Zero incumbe Mwadia de a levar para Vila Longe.

O regresso a este local é, para Mwadia, uma viagem no espaço, mas também uma viagem, um regresso a um passado que ela não sabe se está vivo ou morto. No fundo, será um regresso a si mesma, às suas recordações, dúvidas e questões.

Mwadia sentiu o conflito a morder-lhe o peito: ela queria, mas temia. O regresso a Vila Longe era sonho e pesadelo. Desejo de reencontrar os seus, de regressar à velha casa de infância. Receio de que os “seus” já não lhe pertencessem, e que a velha casa estivesse morta. (COUTO, 2006, p. 48)

O objectivo interior da sua viagem encontra-se explícito na página 80:

Mwadia Malunga prosseguia por atalhos virgens, as pegadas sendo engolidas pela mobilidade das areias soltas. Era isso que ela requeria da caminhada: fazer com que o passado emudecesse, sem eco nem rasto. Apagar as horas e os dias, apagar as cicatrizes do passado. (COUTO, 2006, p. 80)

Mwadia é a personagem que une espaço e tempo, numa demanda que é, sobretudo interior. O reencontro com os familiares, os habitantes de Vila Longe, traz de volta o

passado e os segredos de cada um deles, num assumir de identidades mal resolvidas. É com o regresso de Mwadia que Jesustino assume perante si mesmo o incesto com a irmã; que Matambira aceita a falsidade, o vazio, da sua função nos correios; que Constança confessa o seu amor pela filha, retirando da consciência desta a culpa pelo seu estado.

É também no momento da partida de Vila Longe que Mwadia é confrontada com uma versão dos factos a que as personagens aludem várias vezes, mas que ela sempre negara: a morte de Zero.

- Eu sei tudo sobre a vida de seu homem, aliás, sobre a sua morte.

Constança falou vincando as vogais, sublinhando as consoantes: fazia tempo que Madzero não estava vivo. Não morrera, fora morto. Essa fantasia que Mwadia criara, inventando de Zero estar vivo, isso era, para ela, mais do que compreensível. Afinal, aquela era a sua maneira de ser amada, o seu único modo de se sentir viva.

- Eu já conheço essa história, mãe. Morreu numa bomba, não é o que dizem?

- Eu vou-lhe dizer como o mataram.

- Não vale a pena, mãe. Eu não vou ouvir, disse Mwadia, estreitando o rosto entre as mãos.

A matriarca prosseguiu. Sabia que a filha a escutaria. Zero fora morto há muito tempo. Espetaram-lhe umas tantas facadas no pescoço.

- Eu já escutei essa versão. O próprio Zero me contou.

- Quando soube a notícia, você ficou maluca, filha. Enlouqueceu e saiu para esse lugar, para além das montanhas. É lá que vive sozinha, você e seus burros, seus cabritos. (COUTO, 2006, p. 377)

Podemos, assim, dar a devida importância à queda da estrela/satélite no percurso de Mwadia: “Aprendera com o pai a distinguir os verdadeiros dos falsos corpos celestes. Esses outros, os enganosos astros, são barcos em que viajam os que não souberam morrer”. (COUTO, 2006, p. 25)

É a queda da embarcação/desembarcação que transporta aqueles que não souberam morrer que conduz Mwadia à sua viagem: a busca de um local para enterrar a estrela, a descoberta da Virgem, o retorno a Vila Longe. Os mortos precisam de ser enterrados, as dúvidas precisam de ser esclarecidas e, para isso, é preciso retornar ao passado.

Nada é apenas aquilo que parece, tudo tem uma dupla face e é na assumpção dessa dupla face que se encontra a unidade, a total identidade. Mwadia está na fronteira, na margem, entre duas verdades, dois mundos, e a ela cabe-lhe, como uma canoa, fazer a ligação entre eles. A estrela é simultaneamente satélite, a Virgem também é Kianda, e Mwadia só se conseguirá encontrar quando descobrir a verdade preconizada nas palavras de Constança: “Somos todos feitos assim: de duas águas” (COUTO, 2006, p. 376).

É, pois uma Santa mulata que ela deposita junto a um embondeiro, e não numa igreja, como era inicialmente o seu propósito:

[...] Mwadia sentia que retornava aos labirintos de sua alma enquanto a canoa a conduzia pelos meandros do Muzenguezi. Na ida, ela se preocupara em sombrear a Virgem. No regresso, ela já ganhara a certeza: ali estava a Santa mulata, dispensando o sombreiro, afeiçoada ao sol de África.

Chegada a um largo embondeiro, ela dirigiu o concho para a margem e foi subindo a ravina, carregando, com ela a santa. Junto ao tronco, ela depositou a Virgem, se ajoelhou e disse:

- Você já foi Santa. Agora, é sereia. Agora, é nzuzu. (COUTO, 2006, p. 379)

E é também depois de colocada na parede a foto do último ausente e de enterrar definitivamente o passado, que Mwadia prossegue o seu caminho, que assume a sua identidade.

[...] No momento, ela entendeu: aquela era a parede dos ausentes. E não estava no horizonte. Erguia-se no interior de sua própria alma.

Como se caminhasse dentro de si mesma, foi passando revista aos retratos e reparou que, no fundo, havia um espaço branco, uma moldura ainda sem imagem. Naquele momento, sentiu que trazia algo em suas mãos. Era uma fotografia. Com passo vagaroso, se encaminhou para o fim do paredão para colocar na moldura a imagem. A foto do último ausente.

Mwadia sacudiu a poeira das mãos e espetou a pá no remexido solo. Comprovou se a campa que abrira estava bem compactada, disfarçada entre os arbustos junto ao rio. Dentro da cova permanecia, intacta, a caixa dos papéis de D. Gonçalo da Silveira. O tempo jazia agora sob o firme chão. O passado apodreceria sob os seus pés, juntando-se ao estrume da terra.

[...] Pegou na sacola que já estava preparada e beijou de leve o rosto do marido, tão de leve como se ele fosse apenas uma ausência adormecida. Apoiou a porta para suavizar o ruído do trinco ao fechar-se. Ainda hesitou, à saída do quintal, como se escolhesse entre que ausentes ela deveria viver. Só depois tomou o caminho do rio. (COUTO, 2006, p. 381-382)

Conclusão

Com esta análise pretendemos demonstrar que, apesar de a temática dominante na obra de Mia Couto, *O Outro Pé da Sereia*, ser a viagem, esta reveste-se de várias facetas. Em primeiro lugar, a viagem no espaço, que podemos encontrar no que diz respeito a Gonçalo da Silveira, no século XVI, percorrendo o caminho entre Goa e Moçambique, mas também no que diz respeito aos americanos, que viajam da América para África. Esta será a faceta mais próxima daquilo que se entende por literatura de viagens ou, pelo menos, da temática da viagem na literatura.

Uma segunda faceta surge com a viagem no tempo, uma viagem que podemos encontrar nos transes de Mwadia, mas também no revisitar do seu próprio passado.

E, finalmente, a faceta que consideramos fundamental: a viagem interior. Esta é a viagem que todas as personagens acabam por empreender, numa descoberta de si

mesmas perante o outro. Se, no caso de Gonçalo da Silveira a alteridade lhe mostra a face negra da identidade, em Benjamin Southman esta torna-se falaciosa na medida em que a própria alteridade é idealizada de forma a corresponder à identidade que se pretende. No caso de Mwadia, o percurso é mais complexo, pois a aceitação da identidade passa pela aceitação identitária pela própria alteridade. Só após o cair das máscaras de todas as personagens, Mwadia pode finalmente afirmar-se como livre para seguir o seu caminho.

ABSTRACT: This article's objective is to analyze the travel subject in Mia Couto's novel, *O Outro Pé da Sereia*. In this novel, travel goes beyond time and/or space, happening in the inner self of each character, in a process of discovery that brings up the complex question of identity/alterity.

Keywords: Mia Couto, Mozambican literature, travel literature, alterity, identity

REFERÊNCIAS:

COUTO, Mia. *O Outro Pé da Sereia*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

CEARD, Jean e MARGOLIN, Jean-Claude (dir.). *Voyager à la Renaissance*. Paris: Maisonneuve & Larose, 1987.

CRISTÓVÃO, Fernando (coord.). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens – Estudos e bibliografias*. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

MIGNOLLO, Walter. *Histórias Locais/Projectos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SEIXO, Maria Alzira (coord.). *A Viagem na Literatura*. s/l: Europa-América, 1997.

SEIXO, Maria Alzira. *Poéticas da Viagem na Literatura*. Lisboa: Cosmos, 1998.

¹A este propósito ver as páginas 21 e 25 de *O Outro Pé da Sereia*.

² Para D. Gonçalo da Silveira, África não era tanto um lugar como um campo de batalha. Esse sentimento quase militar era uma sobrevivência dos relatos que escutara a seu pai, D. Luís da Silveira, relembrando a expedição guerreira que ele protagonizara a terras africanas de Azamor, em 1513. (...) O menino tinha os olhos ávidos de histórias terríficas e, onde o pai pintava mouros e sarracenos, ele redesenhava monstros e assombrações. (COUTO, 2006, p. 294)